

OBITUÁRIO

MOACIR BORTOLOZO

(* 30/10/1953 - † 16/12/2003)



Sobre o inseparável colega e companheiro de lutas, três meses após seu falecimento, escreveu Engels no Prefácio à edição alemã do *Manifesto* naquele entristecido 1883: “Marx descansa no Cemitério de Highgate, e sobre seu túmulo já cresce a primeira grama”. Creio que um discurso deste gênero só se pode iniciar pelo fim, que nos igualará. E Moacir é, sem dúvida alguma, merecedor da comparação que aqui nos ocorre. Sua família acertou ao querê-lo de volta em Campinas, pois naquele final de tarde chuvosa, brilhou por instantes um fulgurante sol a revelar a colina do jardim, marcado apenas por discretas pedras com o nome das famílias.

Um pouco antes do fim, Moacir afastava-se da vida, em recuo algo entrópico e que revelou-se também um movimento digno da filosofia, sobretudo daquela que postula uma autenticidade original. Levou vida de filósofo e essa será sem dúvida a narrativa mais alinhavada de um homem múltiplo e de vivências intensas. Aos poucos foi-se despojando de papéis que a sociedade lhe impusera e de tarefas que ele mesmo buscara. Há muito, já não abria mais as correspondências comerciais, nem os contracheques que se acumulavam em sua gaveta. Sem carro, dependia de um taxista, que chamava de amigo, ou caminhava lentamente pelo campus, ainda e sempre com o *rayban* que antes compunha sua figura charmosa. Sua sala na uni-

versidade, aparentemente desorganizada, revelou uma impecável ordem e a reconhecida inteligência aos colegas que se encarregaram de fechar seus diários. Sobre uma mesa, os trabalhos e provas de suas últimas turmas de alunos. Outra mesa reunia as tarefas escolares do semestre anterior. Sobre um armário, os papéis que a burocracia interpunha entre o mestre querido e o último orientando, leitor de libertinos. Um armário repleto de roupas usadas e dois armários cheios de livros que restaram de um valioso acervo. Sobre um deles, uma dúzia de obras em uso, que bem demonstram a vivacidade de seu pensamento e a atualidade de seus compromissos.

O despojamento material parecia recuperar o monge Moacir na direção do essencial. Levou até o fim suas últimas obrigações acadêmicas, contrapondo-se com dignidade às dificuldades de sua saúde, que nunca suprimiram seu brilho intelectual. Por fim, relatam os alunos, poderia passar alguns minutos fitando a *tabula rasa* diante de si, de costas para a classe. Mas, que outra coisa poderia estar fazendo senão pensar um professor que, entre alunos de letras, trazia textos de Leminski sobre o olhar e de Benedito Nunes sobre Clarice Lispector? Com os estudantes de história, lia Nietzsche. O vanguardismo concretista de um, a introspecção melancólica da outra, dissolvida no esquecimento do Ser, a tragédia profética do último, a inspirar filosofias negativas da história. Tudo que lia e ouvia, por mais que fosse diverso, Moacir unificava primeiro sob um critério estético inexorável: "É bonito isso!" Diante do encantamento de quem descobria um livro formidável, como o de Koseleck ou o de Todorov, ele resenhava: "Acho bonita a forma como o autor trata a questão...".

Competente em áreas e épocas diversas da filosofia e das artes, sobressaía-se com os medievais. Sua biografia o fez voltar para onde muitos monges e hereges gostariam de se limitar, a *polis*. Sua última aparição pública na Academia foi durante uma conferência sobre Platão. A mesa teve a delicadeza de apresentar ao visitante, nomeando-os, os professores presentes. Dentre eles e junto aos alunos que tanto o prezavam, postava-se atento o Professor Moacir. Certamente passou seus últimos dias dialogando em silêncio com os antigos e com a nova abordagem de Marcelo Pimenta.

Ainda na adolescência Moacir Bortolozzo despertou a atenção de

seus professores pela precocidade do gosto refinado pelas leituras filosóficas, cujo início ocorreu ainda no curso ginásial no final da década de sessenta, do último século, no Instituto Educacional Nossa Senhora da Assunção de Espírito Santo do Pinhal, estado de São Paulo, onde ele ainda faria o curso colegial. Com o passar do tempo essas leituras foram aprofundadas e culminaram na sua especialização, também precoce, em Agostinho durante os anos de graduação em Filosofia na Faculdade Nossa Senhora Medianeira da cidade de São Paulo entre os anos de 1974 e 1977. Agostinho foi o autor jamais abandonado em toda a breve existência de Moacir Bortolozzo que percorreu toda a obra do Bispo de Hipona, adentrando inclusive naquelas partes mais reservadas aos seguidores da doutrina cristã de Agostinho. Foi assim que Moacir Bortolozzo conseguiu atingir a maturidade do seu pensamento filosófico, conciliando a arraigada educação cristã com os fundamentos da filosofia clássica, o que o fez ir além da mera profissão de fé, o que o levou a alcançar o âmago do significado da existência, cujo telos é a realização plena da pessoa humana.

A predileção pela filosofia agostiniana e medieval não limitou o interesse de Moacir Bortolozzo pelas outras correntes filosóficas, especialmente as modernas e contemporâneas. Ele foi um dos poucos eruditos a ter domínio da história da filosofia, mas Moacir Bortolozzo foi muito além do saber enciclopédico, ele não foi um mero leitor de filosofia; a postura crítica e investigativa o fez dialogar com os autores lidos, de maneira que os seus estudos não redundavam na mera repetição de enunciados tantas vezes repetidos pelos leitores comuns. O plano de estudo de Moacir Bortolozzo culminava no comentário crítico dos autores lidos, que se fazia acompanhar de elaborações pessoais que iam além do texto e tinham sempre o propósito de atualizar a discussão filosófica. Entre os muitos autores que somente Moacir Bortolozzo tinha coragem de encarar estão os pensadores malditos e os perseguidos, entre estes últimos a predileção recaía sobre Espinosa e Diderot, entre os primeiros a leitura de Nietzsche e Foucault eram atividades freqüentes.

Moacir Bortolozzo praticou a humildade cristã e a sabedoria filosófica, esta última sempre lhe mostrando as lições de Crátilo, que de

maneira enigmática, quando instigado sobre a verdade respondia apontando com o dedo, deixando perplexo o interlocutor que não sabia se o movimento do dedo queria indicar que a verdade é tal como um pássaro voando e que não se deve prendê-lo, ou então, que aquilo que foi perguntado já passou e não faz mais sentido inquiri-lo, restando apenas apontar o horizonte com o dedo indicador. Certamente a lição de Crátilo foi o grande dilema de Moacir Bortolozo, o que o fez se aproximar de Sócrates nos últimos anos de sua existência. Sócrates, o ancestral comum a todas as filiações filosóficas negava-se a escrever as suas idéias, preferindo debatê-las publicamente. Esse foi o comportamento de Moacir Bortolozo, seguindo o mesmo caminho do grande mestre ateniense. A atitude socrática lhe rendeu a incompreensão de alguns colegas do meio filosófico, muito apegados à produção ininterrupta de textos filosóficos. Moacir Bortolozo, sempre com o seu sorriso não se justificava, não se desculpava; seguia o caminho do filósofo nômade que não pode ser aprisionado pelo formalismo dos gostos efêmeros do academicismo. A sua opção de vida não lhe permitiu concluir o doutorado dedicado a Agostinho. Antes, Moacir Bortolozo havia defendido, em 1993, na Universidade Estadual de Campinas, na cidade do mesmo nome, a sua dissertação de mestrado na qual discutia os limites da fenomenologia. A obra filosófica de Moacir Bortolozo permanece inédita em sua maior extensão. Coerente com o ofício do sábio, recolhia-se para escrever, vertendo para o papel e valendo-se tão só do próprio punho. O pensador moldava as palavras pausadamente, elaborando um quadro humanista das idéias filosóficas, que já não eram mais de Agostinho ou Kant, Platão ou Hegel, tornando no seu texto o exercício perene da investigação humana que se debruça sobre si mesma para se reconhecer como pessoa. Entre as inúmeras anotações deixadas pelo inesquecível filósofo brasileiro está o seguinte comentário, escrito provavelmente no primeiro semestre de 1994: “a tarefa da consciência consiste na conciliação da variegada existência das coisas conforme a ordem objetiva racional incidente ao cosmo”.

Para os temas de interesse dos colegas, sempre tinha uma contribuição oportuna. Recentemente relatara a explicação que um professor da Unicamp dera para o termo epígrafe. Teria sido, na Grécia, o nome

de um ferimento no ombro de um guerreiro, provocado por um flecha ou lança que o cortasse de raspão. Talvez outros estudiosos defendam que a epígrafe era antes uma inscrição no “ombro” de uma ânfora específica. Sem prejuízo do rigor na pesquisa filológica, que não pode excluir a arqueologia, eu torceria pelo primeiro sentido, em homenagem a nosso colega aqui lembrado. E também porque a referência à ética da coragem é mais... “bonita”.

Com o passamento de Moacir Bortolozo a universidade brasileira fica mais limitada, corre o risco de ficar mais burocrática e pouco criativa. A privação da companhia diária do valoroso humanista deixa o Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia muito consternado, porque não há como reparar a sua perda. Contudo, resta aos professores o alento da lembrança do convívio diário, das breves lições de sabedoria ministradas pelo indecifrável Moacir Bortolozo, incansável na busca do significado pleno da existência humana.

Bento Itamar Borges e Humberto Aparecido de Oliveira Guido*

Professores do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.